

Entrevista: Margareth Rago

Entrevistadores:

Roberta Baessa Estimado

Thomáz Fortunato

João Filipe Araujo Cruz

Marcelo Caio Nussenzweig Hotimsky

Alexandre Duarte Bassani

Para a sétima edição da Revista Humanidades em Diálogo, entrevistamos a professora Luzia Margareth Rago, titular do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A decisão da Comissão Editorial em escolher uma pesquisadora que estuda questões de gênero se dá pelo nosso reconhecimento da relevância deste tema. Rago é graduada em História e em Filosofia pela USP, fez seu mestrado e doutorado em História pela UNICAMP. Foi professora visitante do Connecticut College, nos Estados Unidos, entre 1995-1996 e lecionou na Universidade de Paris 7, em 2003. Foi diretora do Arquivo Edgar Leuenroth da UNICAMP em 2000. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil República e Teoria da História; trabalha principalmente com os seguintes temas: Foucault, feminismo, subjetividade, gênero e anarquismo. Entre os seus trabalhos, destacamos: *Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil, 1890-1930* (Paz e Terra, 1985); *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos*

da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930 (Paz e Terra, 1991); Foucault, a história e o anarquismo (Achiamé, 2004); Feminismo e anarquismo no Brasil: audácia de sonhar (Achiamé, 2007). Na entrevista a seguir, realizada na tarde de 02 de setembro de 2015, Margareth Rago nos conta um pouco sobre os seus diálogos com a filosofia, em especial sobre Foucault, discutindo notadamente seu conceito de governamentalidade. Além disso, ela relata sua trajetória enquanto historiadora feminista militante, abordando as questões de gênero postas no momento de inauguração desse campo de pesquisa até os dias atuais. Debate também a extensão universitária e o papel da produção acadêmica em relação à sociedade. Por fim, traz à entrevista uma perspectiva de otimismo em meio a um cenário de crise política.

HUMANIDADES EM DIÁLOGO: Lendo sua obra percebemos uma grande influência da filosofia. Gostaríamos de saber por que você considera filósofos como Foucault e Deleuze essenciais para sua reflexão histórica e quais são os problemas epistemológicos apresentados por esses autores ao longo da sua trajetória intelectual? Nesse sentido, como a filosofia se mostra na sua produção acadêmica, ora como limite ora como ferramenta?

MARGARETH RAGO: Eu amei estudar filosofia. O historiador tem uma formação voltada para ter uma visão panorâmica e o filósofo tem uma formação para ver as coisas na minúcia, de dentro pra fora. Lembro que fiz um curso com o professor Sérgio Cardoso sobre *O príncipe* de Maquiavel, no Departamento de Filosofia da USP em 1977. Nós lemos nove capítulos do livro, que é pequeno. Não conseguimos passar disso o semestre inteiro. Eu achei essa experiência fascinante. Por outro lado, o Kenji Ota estava estudando filosofia e era meu colega de graduação. Ele vinha com esse livro, de um cara esquisitíssimo chamado Deleuze, *Capitalismo e esquizofrenia*. E eu perguntava: – “O que é isso? O que tem a ver capitalismo com esquizofrenia?”. Nessa época, eu estava me ligando à Libelu – grupo do movimento estudantil chamado Liberdade e Luta – mesmo sem acreditar muito, e a Libelu queria ler o Lenin, *O que fazer?*. Depois de dez anos, eles ainda estavam lendo a mesma coisa. Vai ver o mundo parou dez anos atrás. Concomitante a isso, esse meu amigo vinha com esses livros, como os do Foucault, que eu não entendia nada: – Como assim *História da loucura*? No entanto, foi se instalando.

O que vejo hoje, respondendo um pouco sua questão sobre a filosofia, é que sem a filosofia eu jamais poderia fazer história porque uma das coisas que me inquietavam demais na história era ter que dar conta do mundo em uma página. Esta visão panorâmica me incomodava muito e também a falta de

conceitos que me dessem um mínimo de estruturação. O marxismo foi fundamental: a compreensão de que existiam classes na sociedade, de que existia dominação classista, de que existia capital, trabalho, o método dialético... O que existia no Brasil até então era o positivismo. Quando o marxismo entrou, foi um ganho imenso porque nós tivemos uma elaboração teórica e uma percepção política e filosófica do mundo impressionante. No entanto, de repente, os grupos políticos de esquerda tinham caído. As coisas mudaram e, enfim, aquele discurso começou a ficar velho. Para mim, ao menos, tinha envelhecido. Neste momento, vinham autores falando em linhas de fuga, máquina de guerra, em micropoderes. E esse final de década de 1970, que foi também um momento de retomada da esfera pública, de retomada do movimento estudantil, dos movimentos sociais, viver isso fazendo filosofia foi maravilhoso porque permitiu que eu me reconectasse com o mundo. Vir para a filosofia foi uma reconexão com o mundo, pelos livros, pelas pessoas, por tudo que estava acontecendo no país. Logo, acho que sem a filosofia é impossível fazer história.

Aí fui fazer pós-graduação em história com meus antigos colegas de graduação, que estavam trabalhando na UNICAMP. Meu orientador foi meu colega de graduação, o Edgar de Decca. Quando fui pra UNICAMP em 1980 e estava procurando um projeto de pesquisa, encontrei o anarquismo e tinha o Foucault comigo, então falei: — “Os anarquistas estão falando o que Foucault está falando, só que um está falando na experiência prática e o outro está falando na teoria”. O que os anarquistas faziam? Crítica aos micropoderes! Eles são contra o Estado, mas a questão deles é transformar as relações aqui e agora. Foi muito impressionante começar a perceber que Foucault e os anarquistas tinham tudo a ver, que Foucault era um anarquista. Na verdade, fiz esse trabalho com o Edgar e o pessoal da UNICAMP sobre a classe operária que resultou no livro *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar* e só 30 anos depois consegui pôr o resto do título que queria, que é *A resistência anarquista*. Não acho que seja um livro só sobre poder, sobre formas de domesticação, disciplinarização na cidade. Também existe a resistência anarquista que é crítica. Os anarquistas estão criticando a família nuclear quando ela está nascendo, criticando a escola autoritária, a escola republicana quando ela está nascendo. Eles estão falando em amor livre, quando todos falavam em casamento monogâmico. Então achei o máximo, pois pensava que o amor livre era da minha geração, de 1970, e aí fui descobrir que era de 1870, ou antes, 1840. É um impacto, não é? Isso mostra a importância da história. Perder a arrogância, situar-se historicamente. Não existiam muitos outros trabalhos sobre os anarquistas, os que existiam eram trabalhos feitos por

marxistas que diziam que os anarquistas eram pré-políticos, na esteira do Eric Hobsbawm. Na época, isso era uma "verdade". Todos acreditavam nisso e descartavam os anarquistas. Quando fui ler os anarquistas, tendo passado pela filosofia, enxerguei outra coisa e fiz um livro mostrando essa injustiça. Olhem o que eles falavam da mulher! Eles estão fazendo a crítica da "mãe moderna"! Maria Lacerda de Moura escreveu *A mulher é uma degenerada?* nos anos 1920, *Han Ryner e o amor plural* nos anos 1930. Quer dizer, Maria Lacerda escreveu o que o feminismo na década de 1970 e 1980 vai retomar. Vou lhe dar outro exemplo: em 2009, comecei outra pesquisa que terminei agora em 2013, que publiquei no livro *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. A escrita de si é uma discussão do Foucault e invenções da subjetividade também. Eu tinha lido o Foucault da ética falando sobre a parrésia, isto é, a coragem da verdade em situação de risco, e ele vai falando dos gregos na formação dos jovens, na arte do viver; ele diz: os gregos não investem na normatividade. Para os gregos não há esse investimento, a questão é como fazer o jovem ser livre, ser capaz de se autogerir. Como é que se forma uma pessoa para ela ser capaz de se autogerir, de se autoadministrar sem ser obedecendo estritamente às regras, às normas? Essa pessoa tem que ser muito bem formada para não fazer as besteiras que nós estamos vendo no neoliberalismo. Os indivíduos neoliberais, que acham que podem tudo, não têm regras! É uma ideia de práticas da liberdade a partir das quais você se constitui como uma figura ética e como uma figura racional, o que não quer dizer em oposição ao emocional e instintivo, mas quer dizer não escravo das paixões. É muito diferente: uma pessoa não ser escrava das paixões não quer dizer que ela não deva ter paixões. Quer dizer que ela deve saber usar os prazeres que, inclusive, é o nome do livro dele: *História da sexualidade*, vol. II: O uso dos prazeres. Então, eu estava com toda essa leitura da parrésia como a coragem da verdade. Foucault dizia que Sócrates é o exemplo da coragem da verdade, ele é o parresiasta por excelência, ele morre porque ousa dizer a verdade. Ele poderia fugir para não morrer, ele poderia adular para não ser condenado, mas ele insiste em manter sua palavra porque, senão, ele negaria tudo o que disse ao longo da sua vida. É uma questão de coerência, de integridade, e por isso ele morre. Foucault segue falando desse investimento na parrésia, na coragem da verdade em situação de risco. Não em qualquer situação. Eu estou falando a verdade agora, mas não estou correndo risco. Ele está falando da verdade em situação de perigo. Ora, neste momento, em 2009, eu estava começando a pesquisar as mulheres que revolucionaram no Brasil. Claro que são mulheres de esquerda que se ligaram ao feminismo, mas que foram torturadas, presas, exiladas, ou que, de qualquer maneira,

pagaram alto preço pela insubordinação, pela rebeldia e pela coragem da verdade. Assim, casou muito bem falar da coragem da verdade dessas mulheres com a noção de parrésia dos gregos, mas que eu só vim conhecer pelo Foucault, não foi por um curso de História Antiga que fiz em História. E fiquei muito irritada com isso! Fiquei pensando que eu deveria saber da parrésia aos 20 anos, não aos 50! Ou aos 60! Afinal, sou uma historiadora da USP, formada pela maior universidade do país, não é?

Não sei se respondi sua pergunta, mas hoje considero a filosofia fundamental e Foucault foi um autor que cada vez mais me fascinava e fascina até hoje. Comecei a conhecê-lo em 1977, 1978 e aí, em 1984, saem os dois volumes da *História da sexualidade*. Eu estava pesquisando história da prostituição e achei aquilo o máximo, quer dizer, ele me mostrou um universo completamente diferente do moderno, da modernidade e a possibilidade de construir outros mundos. Existe essa ideia de que você só constrói, só revoluciona o mundo daqui para fora, de que não passa por você, por sua subjetividade. O marxismo apostou nisso. O marxismo, não sei, o próprio Marx. Não acho que isso esteja no Marx. Sou da época em que os revolucionários eram machistas... quer dizer, eram revolucionários com os pobres, já com as mulheres... E hoje isso é inadmissível. Hoje a gente não admite um revolucionário que seja homofóbico. Temos uma leitura muito diferente porque a subjetividade foi incorporada e ela está em discussão nessa questão de criação de outros mundos e de outras possibilidades de ser. Foucault é um cara que fala disso e o Deleuze também! Daí eu fiquei com ele, e com o feminismo também.

HUMANIDADES EM DIÁLOGO: Ainda falando sobre influências teóricas e invenção de subjetividade, como é para você a sua aproximação com o pós-estruturalismo, como influenciou a sua produção historiográfica com a perspectiva de agenciamento?

MARGARETH RAGO: A minha ligação com o pós-estruturalismo ainda é muito via Foucault e Deleuze. Quando você estuda Foucault, inevitavelmente você cai no Deleuze porque tem muita proximidade o pensamento de ambos (embora também tenha muitas diferenças). O Deleuze é um cara que está falando da liberdade, das saídas. Foucault está mostrando, pelo menos até um determinado momento, as formas da dominação. Lendo *Vigiar e punir* e *História da sexualidade*, vol. I, vemos o poder, a biopolítica. Ele estava mostrando as formas da dominação e as saídas e a gente foi tomando contato com isso muito depois, quer dizer, faz pouco tempo que nós descobrimos isso aqui no Brasil. Há um texto do Deleuze sobre a sociedade de controle em que ele afirma que Foucault

analisou a sociedade disciplinar que nós já estávamos deixando de ser, nesse período de 1970, 1980 e 1990. Deixando de ser a *sociedade disciplinar* que Foucault tinha analisado, que vinha do século XIX, e mudando para uma outra coisa que é a *sociedade de controle*. É outra forma de poder. O poder não quer mais o “corpo dócil” de que Foucault tinha falado no *Vigiar e punir*, o poder quer o “homem flexível”, um cara que circula, que é “autônomo”. Isso está no discurso do capitalismo neoliberal, é uma apropriação muito rápida de tudo. Mas é um texto do Deleuze de 1990, e aí ele morre. Faz pouco tempo que têm sido publicadas as aulas do Foucault. Aulas de 1978, 1979, 1980. Os livros estão saindo ainda. Em uma das aulas de 1978, no livro *Hermenêutica do sujeito*, e também no *Nascimento da biopolítica*, Foucault fala muito sobre essa questão da teoria do capital humano e da forma da dominação no neoliberalismo. Nesses textos, ele fala a mesma coisa que Deleuze, que o indivíduo hoje é formado para ser o “empresário de si mesmo”. Não é só que você cuida da sua empresa, você mesmo é uma empresa. Você tem que dar lucro, a sua relação com a sua namorada ou namorado é outra empresa, o seu filho é uma empresa e essa empresa é constituída pelo capital adquirido e pelo capital genético. Se quiser desenvolver a sua empresa no casamento, não vá se casar com uma pessoa problemática porque dessa forma o rendimento, o lucro, vai ser mais baixo do que se você se casar com uma pessoa bonita, bem conformada, com a qual vai produzir um filho mais bonito ainda, com melhor capital genético. É esse negócio nazista, assustador, que estava sendo discutido por Foucault em 1978. Mas não fui aluna do Foucault, e nós aqui, no Brasil, não tínhamos lido esses livros, que ainda não tinham sido publicados. A proximidade dos dois é muito grande e deu parâmetros para pensar essas transformações. Assim, a minha ligação com o pós-estruturalismo se dá muito a partir do Foucault e do Deleuze que não se chamam de pós-estruturalistas. Eu chamo de filosofia da diferença, na esteira de vários autores.

Certamente, a partir da década de 1980, aconteceu para mim um cruzamento muito forte com o feminismo. Fiquei muito impressionada com a teoria feminista, porque ela é muito avançada e os debates feministas são de alto nível nos EUA e no Brasil também. Quando conheci a rede feminista, as teóricas feministas, fiquei muito impressionada ao constatar que no Brasil tinha gente desse nível e com essa crítica. Para mim, obviamente, foi um casamento incrível: Foucault com o feminismo. Se Foucault faz a crítica da sociedade disciplinar, dessa normatividade, com o feminismo percebi que essa normatividade é masculina e é misógina. O mundo não foi feito pelas mulheres. Inclusive as definições de ser mulher e da maternidade são masculinas e isso as pesquisas históricas foram mostrando. Quando começamos a estudar história

da medicina, vimos o que a medicina falou sobre o corpo das mulheres, o que o século XIX falou sobre o corpo dos homens, como nós fomos definidos a partir desses discursos...

Em 1991, publiquei um doutorado sobre a história da prostituição, chamado *Os prazeres da noite* e recebo um telefonema das prostitutas do Rio de Janeiro. – “Você é a Margareth Rago?”. – “Sou”. – “Eu sou a Gabriela Leite”. – “Ah!”. Eu a tinha visto no programa do Jô Soares, mas o que eu sabia de prostitutas? Quase nada! Eu estudei a prostituição do início do século XX, não estudei prostituição contemporânea. E ela me diz assim: – “Nós somos aqui de uma ONG chamada ‘Davida’ e nós gostaríamos que você viesse aqui para o Rio de Janeiro, porque você escreveu esse livro e a gente gostaria de conversar com você”. E eu fiquei apavorada: Será que elas vão achar que o livro é ruim, que eu não falei direito...?. Aí eu respondi: – “Olha, eu escrevi sobre suas avós, não é sobre vocês, não é?”. De tanto medo que eu estava. Daí ela disse assim: – “Não, não! Nós lemos o livro, a gente sabe. Você é a Margareth Rago, né? Então nós queríamos te fazer um convite...”. Tive que ir... e fui morrendo de medo. Cheguei lá elas me abraçaram e me disseram – “Muito obrigada!”. E eu: – “Ah?!”. Elas continuaram – “Muito obrigada porque você nos colocou na história. Todo mundo tem história: camponês tem história, estudante tem história, operário tem história e nós não tínhamos. E sem história não existe cidadania”. Você acredita eu ouvindo isso de prostitutas que me abraçavam e me diziam – “Muito obrigada”? Aí eu pensei: – “Gente, eu não conheço o Brasil e nem as prostitutas, não estou sabendo de nada” (risos). E foi um impacto, um impacto muito emocionante, porque na UNICAMP todo mundo me perguntava: – “Por que fazer a história da prostituição?”. E eu – “Por que não é um problema, né?”. Mas os temas da pesquisa em História naquela época eram: classe operária, classe operária; história de esquerda era classe operária. – “E você me fala de prostituição? Do *lumpemproletariado*, que não vai fazer revolução nunca?”. E foi um impacto muito legal. Eu tive retornos muito positivos.

Existem outros autores marcantes para mim. O Agamben, sem dúvida, a Hannah Arendt, o Walter Benjamin, o Marx com certeza. Mas acho que quem me atinge de uma maneira muito forte, pessoalmente, é o Foucault. Encontrei Foucault num momento em que havia um vazio enorme. Houve um momento esquerdizante, em que o professor José de Souza Martins veio aqui no prédio da História da USP falar de Marx e o auditório lotado, em plena ditadura. De repente, os anos de chumbo, o silêncio, as pessoas presas, muitas críticas ao stalinismo, ao autoritarismo. Aquele vazio... Então, quando começa a encontrar Foucault é nesse momento de muito vazio

filosófico-teórico. Vamos dizer em que a filosofia foi ficando externa. E aí, progressivamente, fui encontrando um pensamento que me ajudou a me entender, a perceber que a minha loucura era uma loucura sim, mas ainda bem que estamos “desentorpecendo a razão”, né? (risos). E foi dando sentido, e foi crescendo. É uma paixão, sem dúvida alguma, é muito mais que uma relação intelectual, é uma relação existencial, acho que me deu um sentido, me ajudou a entender o meu lugar e o feminismo. Porque têm feminismos e feminismos, mas a crítica feminista é muito impressionante. E as conquistas estão muito evidentes na sociedade brasileira. Na sociedade americana também, mas no Brasil, entre 1970 e hoje, é uma virada de 180 graus, é uma nova cultura política nascendo e, inclusive, também nascendo com os jovens. Há pouco tempo, fui a uma reunião com o grupo Desentorpecendo a Razão (DAR) e um grupo feminista, e o debate era sobre feminismo. Foi a primeira vez que fui a uma reunião feminista constituída por rapazes e moças. Faz anos que vou a reuniões feministas e só há mulheres, de várias idades, mas só mulheres. E dessa vez não, de uma maneira tranquila, numa nova relação. Havia muita resistência a que os homens entrassem nos espaços porque eles os tomam, né? Os homens mais antigos não se pensam, né? (risos). São sujeitos universais (risos), deuses que entram e tomam os espaços. Enfim, foi outra relação colocada. Foi muito gratificante, fiquei muito feliz de ter participado dessa reunião, por essa mudança cultural e política que presenciamos no país.

HUMANIDADES EM DIÁLOGO: Aproveitando o tema das reuniões feministas, você fala nos seus textos que a primeira reunião de discussão de gênero que você acompanhou foi nos anos 1990, em Nova York. Logo que você voltou, você ajudou a fundar o grupo de estudos do gênero (Pagu) em Campinas. Já se passaram vinte e cinco anos e gostaríamos de perguntar quais foram, para você, as mudanças do feminismo dentro da universidade, no debate acadêmico?

MARGARETH RAGO: Ah! Enormes, enormes! Primeiro porque os homens passaram a nos respeitar. Sobretudo quando eu era estudante de filosofia – talvez porque na História eu era muito tímida, mas na Filosofia eu era mais velha e já tinha uma experiência e a dificuldade de a gente ter espaço para falar era enorme – a bola passava de um homem para o outro, e você não conseguia entrar. E, nessa época, nós não tínhamos esse vocabulário que fala para “abrir espaço”. Os espaços eram bem fechados. Era difícil explicar o que estava acontecendo, mas para a gente era claro. Como, por exemplo, você fazer um curso

sobre um filósofo e não ver o que ele falou sobre as mulheres. Veja o caso do Rousseau. O livro da Élisabeth Badinter *O mito do amor materno* saiu em 1985 e mostra que Rousseau é o grande ideólogo da maternidade. Dessa maternidade que o feminismo jogou na lata do lixo, que é a definição de que você nasceu com sua estrutura física para ficar em casa. Os médicos do século XIX, quando nasce a ginecologia moderna, vão dizer quem é a mulher, definem sua identidade. Eles falam assim: “A mulher tem o quadril maior que o homem, claro, ela precisa ter um espaço maior para ter o bebê, para abrigar o feto. O fato de ela ter esse espaço maior para abrigar o feto faz com que ela perca neurônios, portanto, a mulher é inferior aos homens e ela não pode fazer universidade como os homens”. As primeiras universidades que abrem para as mulheres, no século XIX, abrem em período diurno, que é para as mulheres descansarem à tarde. É claro que esses doutores estão pensando nas mulheres das camadas médias e ricas, e defendem cursos leves porque as mulheres são influenciáveis, volúveis, bobocas na interpretação deles... A ginecologia construiu essas “verdades” e elas se mantiveram intactas até a década de 1960. Eu sou dessa geração e não foi fácil jogar isso para o alto. Assim, a teoria feminista, a história feminista, o passado das mulheres na perspectiva feminista me empoderaram completamente.

Mudou profundamente a relação dentro da academia, os temas feministas foram incorporados. Pensando em história, nós nunca dizíamos que a história era masculina. Mesmo os marxistas: na classe operária, no começo, só havia homens. Nós não percebíamos, não era uma questão. O feminismo introduziu esse olhar de gênero e começou perguntando: — “E as mulheres?”. Hoje eu penso assim: — “Poxa vida, quer dizer que até 1970 as mulheres não tinham passado!”. Quem existia para se identificar? Cleópatra, princesa Isabel (risos), a Joana d’Arc. Não havia mulheres artistas, pintoras, escultoras... Atualmente, a pós-doutoranda Carô Murgel está fazendo uma pesquisa apoiada pela Fapesp sobre as compositoras brasileiras. Ela descobriu mais de mil compositoras brasileiras. Bem, não vou entrar em detalhes. Então, a questão começou com as militantes comunistas, anarquistas, socialistas. Mas depois, a coisa foi crescendo e fomos percebendo que o feminismo surge no começo do século XIX, no mesmo momento em que está acontecendo a crítica ao capitalismo através do marxismo, do socialismo chamado de utópico, pois tem a ver com o individualismo, com a ideia de que eu sou indivíduo diferente de você.

Acho que ainda falta muito! Mas, nas ciências humanas, a coisa cresceu. O feminismo foi e é muito forte na Antropologia, na Sociologia e na História; menos forte na Filosofia, tanto que existem muito mais professores homens dando aulas de Filosofia do que mulheres, e são poucos os que

introduzem as mulheres filósofas. Ontem, essa promotora chamada Luiza (Nagib) Eluf estava falando sobre o Direito num evento feminista. Um universo machista, masculino, em que os caras sequer queriam aceitar a noção de feminicídio. Pensam eles, – “se já tem homicídio, para que feminicídio?”. Só que é diferente falar de homicídio e de feminicídio. Feminicídio é morte de mulheres por serem mulheres, é ódio ao feminino, não necessariamente é violência doméstica. No caso do México, por exemplo, as principais histórias de feminicídio são referentes à matança de mulheres, 10, 20, não por uma relação pessoal, é matar por serem mulheres, então é uma forma de vingança, é, vamos dizer, “arma de guerra”. E não é a mesma coisa, não dá para englobar tudo no mesmo saco. Essa é a questão. Então é importante sim termos as definições diferenciadas, para a gente saber que a violência sobre as mulheres não é a mesma violência sobre os homens. Quem é “encoxada” e quem é assediada no metrô não são os homens, são as mulheres. E antigamente, quando isso acontecia – claro que isso me aconteceu muitas vezes –, como que a gente reagia? Quando eu tinha 18, 17, 15 anos? A gente ficava em pânico, voltava pra casa, chorava, entrava debaixo da cama, e ficava uma semana sem sair de casa. Era isso que acontecia, e não se contava pra ninguém, porque em geral a culpa ia ser sua. – “Você saiu com uma blusa vermelha, quer o quê?”. Há outras formas de se lidar com a questão e que são mais visíveis, e essa “visibilização” foi o feminismo que provocou.

Há essa mudança de conteúdo, de trazer a história, de trazer o passado das mulheres e das narrativas sobre elas; mas há outra mudança fundamental que é a do modo de pensar. Isso cruza com o pós-estruturalismo que traz uma importante crítica da filosofia da representação. A filosofia da representação é um pensamento hierárquico, autoritário e excludente. Não é apenas enxergar o mundo polarizado – civilizados e bárbaros, brancos e negros, homens e mulheres, mulheres castas e putas –, mas há uma hierarquia nisso. Um grupo deve mandar no outro, deve governá-lo porque o outro é irracional, incapaz de se autogovernar, então ele tem que ser comandado. Ora, quer uma dominação mais terrível do que essa? Não é a dominação capital/trabalho, ela é difusa. Quem está dominando? Não é tangível, não é palpável. Assim sendo, quando esses autores vêm falar do pós-estruturalismo trazem essa profunda crítica da filosofia da representação e de um modo de pensar nocivo. Eles nos alertam que um mundo novo não é possível com essa cabeça. Se você continuar hierarquizando o pensamento, vai concluir que tem que abolir a prostituição, afundar as prostitutas no oceano e só ficar com as “mulheres castas”, futuras mães respeitáveis de família (risos). Foi uma crítica maravilhosa que o pós-estruturalismo e a

filosofia da diferença trouxeram e que o feminismo expandiu, dizendo: essa é uma racionalidade masculina, machista, misógina, e nem os homens precisam ser assim. Quer coisa mais libertadora você saber que não precisa ser o Frank Sinatra, não precisa tomar uísque e ter cinquenta mulheres? (risos). Inventar outras masculinidades...

Além da disciplina, do biopoder e da biopolítica, Foucault denomina outra forma de poder de governamentalidade, de poder pastoral, quer dizer, a noção de que um grupo tem que comandar, governar o outro. Quer coisa mais nazi? É muito irritante isso, inclusive nos grupos de esquerda. Penso que, dentro da academia, essas relações de poder foram ficando muito visíveis. Afinal, o que é história, do que se trata quando estudamos história? Quando fiz a história da prostituição, não entrei com um projeto de história da prostituição na Fapesp, óbvio que não. Mas vinte anos depois, o meu orientando entrou. Nós mulheres também, nós ficamos muito hábeis, a gente é cheia de estratégia, a gente sabe entrar por aqui, por ali... pelas frestas... não dá por aqui, vai por ali. As mulheres aprenderam a subverter. Mesmo que elas, teoricamente, não percebam que isso seja uma subversão, não tem importância. As mulheres são profundamente subversivas. Para viver nesse mundo, têm que ser subversivas porque, senão, íamos ficar em casa cuidando de filhos, e tendo filhos, e aceitando que não temos desejo sexual, que se tivermos desejo sexual somos ninfomaníacas, e que se formos ninfomaníacas... Uma baboseira de um discurso misógino masculino.

O feminismo tem transformado a academia de maneira muito positiva em um mundo filógino. Filógino é o oposto de misógino. Misógino quer dizer aquele que odeia mulheres, odeia termos femininos, odeia a cultura feminina. O filógino valoriza e des-hierarquiza, né? O feminismo conseguiu essa transformação enorme. Não acho que as coisas estejam resolvidas, obviamente não estão. Mas veio tudo à tona. E tem reação machista também. Esta dobrou. Logo, a gente tem que enfrentar uma guerra (risos). Mas houve uma mudança fundamental. Eu me sinto muito à vontade como acadêmica. Fui até dar aulas na Columbia University... Eu me lembro de que, quando uma pessoa me sugeriu fazer o concurso para a Cátedra Doutora Ruth Cardoso na Columbia University para dar aulas lá, eu escrevi assim: — “Tem certeza que você está falando comigo? Eu pesquiso sexualidade, prostituição, anarquismo e Foucault. Na Columbia University?”. E esse professor me respondeu: — “Sim, aqui tem espaço para você falar desses temas”. Fiz o concurso, passei e fiquei um ano lecionando na Columbia University, falando dos meus temas. Eu fiquei feliz da vida porque as portas se abriram muito. E isso foi fruto do feminismo, sem dúvida alguma, e da filosofia da diferença.

HUMANIDADES EM DIÁLOGO: Pensando nessa reação machista, é bem comum a gente ver a utilização de termos como doida, exagerada, sem noção, maluca, para feministas que lutam pelos seus direitos. Como e por que essa racionalidade masculina, como parte dessa reação machista, encontra tanta facilidade em se disseminar em certo senso comum?

MARGARETH RAGO: Foucault tem uma frase maravilhosa que custei muito a entender. Ele tem um capítulo do livro *História da sexualidade*, vol. I que se chama: "Nós, os vitorianos". Ele escreveu isso em mil novecentos e setenta e cinco, setenta e seis. De lá pra cá muitas águas rolaram, mas, sem dúvida alguma, nós éramos século dezenove. Para Foucault, o século dezenove termina na década de 1960 porque a cabeça das pessoas era muito século dezenove, a gente vem de uma sociedade profundamente machista, conservadora, isso está muito arraigado. Você vê mulheres que são antifeministas aos montes. Sem dúvida, está acontecendo um fenômeno muito interessante nos últimos anos, está havendo uma virada muito forte recentemente. Estou impressionada com a quantidade de temas, ideais, situações feministas que encontro. Ligo a televisão e o programa era assim: "A família moderna: por que as mulheres não querem ser mães?". Aí eu levei um susto. Antigamente o programa seria "Como ser uma boa mãe e cuidar bem do nenê e da família...". E a entrevista era com e para jovens. Depois, entro no metrô e vejo um cartaz ali contra a homofobia e um contra o abuso sexual. Aí vou para um evento sobre feminicídio no Itaú Cultural. Estou muito impressionada com a ascensão feminista.

Dois cineastas foram expulsos anteontem de um evento que estava acontecendo no Nordeste, no Recife, quando passava o filme da Anna Muylaert. Dois cineastas entraram bêbados e começaram a fazer gozação, escracho da Regina Casé, foram expulsos e não poderão por um ano participar da rede e apresentar seus filmes. Ótimo, né? Que sejam expulsos mesmo! Vejo que há uma mudança muito grande, fruto dessa mobilização feminista silenciosa, mas também barulhenta, porque as coisas estão acontecendo. E o Hobsbawm, que não era nenhum grande feminista, disse que foi a única revolução que deu certo no século vinte. Uma transformação cultural enorme. Tenho investido na minha pesquisa e com as minhas orientandas em trabalhar com o tema da feminização da cultura no Brasil. Como é que as mulheres estão feminizando a cultura brasileira, e como é que elas estão fazendo a crítica do machismo e evidenciando esse machismo? Se um homem fizer piadinha machista hoje ele é considerado velho, antigo. Até os homens consideram esse comportamento como velho. Esse homem machista, tradicional, é uma figura muito velha, ultrapassada.

Mas a cultura é muito machista ainda, é muito misógina. Você sabe qual é o significado da palavra puta? Vem de *putére*, podre, putrefação, segundo o livro do grande historiador Alain Corbin. Ele é um historiador francês que eu adoro, escreveu *Les filles de nocte: la prostitution à Paris au XIXe siècle*. Com essa carga, o que você quer? É uma formação, uma educação, uma briga; contudo, o patamar de conquista é muito diferente. Pensem só quem foi Luiza Erundina, a gestão dela, e no que ela apanhou por ser mulher; e a Dilma. A Dilma não apanhou por ser mulher. A discussão, quando ela foi eleita, não era se mulher tem capacidade ou não, tem crânio ou não. A discussão era – “vai liberar o aborto ou não?”. Outro patamar. Agora acho que, sim, o conflito está aí, porque os grupos ultraconservadores estão se mobilizando, se articulando, e o melhor que as esquerdas têm a fazer é se unirem porque, senão, a gente dança mesmo. A coisa está muito feia, inclusive querendo tirar a discussão de gênero das escolas.

HUMANIDADES EM DIÁLOGO: Em sua tese, você fala que o processo de urbanização possibilitou novas formas de sociabilidade principalmente para as mulheres que saíram do processo de reclusão doméstica e começaram a ocupar o espaço público lentamente. Como se deu a construção dessa nova subjetividade feminina e em que medida houve preocupação com o “fantasma” da prostituta, comentado por você na dissertação?

MARGARETH RAGO: A maioria dos historiadores que estuda a prostituição entende que ela se torna um problema na modernidade, no mundo urbano-industrial. Existe prostituição em outras épocas da história, com outros sentidos, com outros significados, com outras relações, como na China antiga, mesmo na Grécia antiga. Mas ela se torna um “fantasma” na modernidade, no momento de urbanização e de desenvolvimento econômico e industrial. Nesse momento de surgimento das cidades, no século XIX, Londres e Paris são as grandes metrópoles. No século XVII e XVIII, existiam cidades pequenas com outra conformação, outro tipo de relação, cidade de corte e tal. Quando entra o capitalismo urbano-industrial, o desenvolvimento econômico, outro tipo de urbanização e a burguesia em ascensão, ocorre uma redefinição do modo de vida. A burguesia vai dizer que os nobres são perdulários, ociosos. Há toda uma crítica a um modo de vida e, portanto, a proposta de um novo modelo. Esse outro modo de vida deve ser utilitário, muito mais ligado ao trabalho, muito mais produtivo. No caso das mulheres, a ideologia da domesticidade constitui-se de maneira mais forte. No final do século XVIII e início do século XIX, de 1890 mais ou menos

para frente, no Brasil, com a abolição da escravatura, a República e a industrialização, a prostituição se torna um fantasma. Por quê? Porque há uma redefinição dos lugares sociais e dos papéis da mulher e do homem. A ideia de que a mulher nasceu para ficar em casa prevalece. A gente entende melhor o assunto quando estuda a história da medicina. O historiador Thomas Laqueur tem um livro maravilhoso cujo título é mais ou menos *Inventando o sexo, dos gregos a Freud*. Ele diz que, até o final do século XVIII, achava-se que a mulher era um homem “menos”, que ela tinha pênis, que ela tinha os órgãos sexuais iguais aos dos homens, mas para dentro e menores. Então a mulher era igualzinha ao homem, um pouco menos, o que significava que as mulheres fecundavam porque tinham sêmen na relação sexual e tinham orgasmo porque seriam como os homens. Tanto que, quando se estudava o esqueleto humano, sempre se estudava o esqueleto humano masculino porque se achava que era a mesma coisa. No século XIX, a medicina entra afirmando: — “Olha, aquela medicina está velha, errada. É o oposto, mulher e homem são totalmente diferentes e devem ter papéis sociais completamente diferentes. As mulheres? Olhem para o corpo delas, olhem para o tamanho do quadril, com esse quadril foram feitas para ter filho, as mulheres nasceram para ser mães”. Então toda essa ideologia da domesticidade não vem da Grécia. Ela é do século XIX, exatamente quando as mulheres estão entrando no mercado de trabalho. A industrialização começa com fábricas de tecidos, nas quais trabalham mulheres e crianças. Então, no mesmo movimento em que as mulheres estão sendo incitadas a ter empregos e serviços ou simplesmente serem consumidoras e participarem da vida social, há todo um discurso afirmando que o lugar da mulher é dentro de casa. E, juntamente com esse discurso, surge o “fantasma” da prostituição: — “As que não se enquadram nisso, olha onde elas vão parar...”.

É impressionante. Quando você lê teses médicas do século XIX especialmente, você entende essa história muito melhor e entende muito melhor o que Foucault está explicando. Para fazer a pesquisa de história da prostituição, eu tive de ir à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro porque os sociólogos da prostituição naquela época eram os médicos, eles é que estavam preocupados com a higienização da cidade, queriam saber como acabar com as pestes, como impedir pestes de acontecerem e de se propagarem dos bairros pobres para os ricos, como elas nascem, onde nascem. Elas nascem em prisões, nas fábricas? O Estado convoca os médicos para estudarem os lugares onde há possível emergência de peste, de miasmas, de doenças infecciosas e não infecciosas. Um desses médicos é o doutor Alexandre Parent du Châtelet que vai estudar a prostituição em Paris para detectar o problema da sífilis.

Este médico faz um trabalho enorme e ele sabe tudo sobre a prostituição. O livro dele, *A prostituição na cidade de Paris no século XIX*, é um modelo para todos os doutores que, nessa época, pesquisam o tema. Aí eu fui pesquisar a história da prostituição na cidade do Rio de Janeiro e encontrei teses médicas das décadas de 1870, 80, 90. Esses doutores entendem da cidade porque eles estão higienizando, domesticando e disciplinando, são eles que vão dizer onde e como viver, onde deveria ficar o bairro da prostituição, como as casas e os bordéis deveriam funcionar, em que horário, como deveria ser a construção das habitações, dos bordéis, das casas de tolerância, bares e hotéis. As teorias médicas que eles defendem entram com uma força impressionante e, para as mulheres, emerge o fantasma da prostituição.

A prostituição vai ser um tema construído como fantasma, justamente como parte dessa ideologia da domesticidade que diz que ser mulher é não ser extravagante, é não ser tagarela porque prostituta é tagarela, prostituta é extravagante, prostituta é irracional, gosta de coisas fortes, pinturas fortes, cores fortes, comida forte, bebidas fortes. As mulheres têm que ser doces, têm que ser suaves, têm que gostar de roupinha clarinha, ter modos! Nós ouvíamos isso quando éramos crianças: ter modos, falar baixo, ser silenciosa. Esse é o discurso. Conclusão: esse discurso, esse conhecimento sobre a prostituição não está preocupado com a prostituição em si mesma porque eles acham que a prostituição não tem saída. Santo Agostinho já falou que a prostituta é um “esgoto seminal” e é um “mal necessário”. Todos citam santo Agostinho, que virou santo com tudo que ele falou (risos). Depois, o grande doutor Cesare Lombroso (que é o nome de uma rua da prostituição aqui em São Paulo, em frente à Pinacoteca do Estado) até pouco tempo atrás era um herói. Em suma, a preocupação é menos com eliminar a prostituição ou dar um trato na prostituição, do que a de criar sinais para as mulheres da classe média, da burguesia, da elite, saberem de si, do seu lugar, produzir uma subjetividade submissa, dócil. A historiadora Maria Odila Leite da Silva Dias fez belíssimos trabalhos sobre as mulheres da fazenda. A mulher da fazenda não era burguesa nesse sentido do lar, da ideologia da domesticidade, do confinamento no privado. Ela tomava conta da fazenda, lidava com escravos, o marido explorava a terra não sei aonde e ela é que administrava. Eram mulheres muito ativas. E é isso que as pesquisas da historiadora Eni de Mesquita, que foi minha colega de graduação, mostraram: não existe essa partilha de público e de privado que vai ocorrer nessa modernidade urbana e industrial. E nessa partilha, o homem terá que assumir um modelo do terno monocromático, do cabelo curto, da pessoa sem emoções, todas essas coisas que sabemos e criticamos hoje. Há uma demarcação muito

rígida do feminino, da cultura feminina que é inferiorizada, e da cultura masculina que é valorizada, e se diz que – “Isso é natural, faz parte da essência das pessoas”. Na década de 1970, do pós-estruturalismo, da crítica do essencialismo, inicia-se a crítica dessa noção que o século XIX pôs na nossa cabeça. Você pensava assim: – “Não quero ter filhos, não sei se quero ter filhos, será que eu sou louca? Eu sou o quê então?”. Essas teorias foram fundamentais para ressignificar a nossa vida, da minha geração para frente, porque a gente entrou numa encruzilhada: – “E agora, o que eu faço? Esse caminho não vai dar pra mim, eu vou por onde então?” (risos). Se você não se casasse, não tivesse filho, não ficasse em casa cuidado de nenê, você tinha que dar respostas para a sua vida, e isso não é uma coisa fácil. Um dos aspectos pelos quais gosto muito do Foucault, é que ele me trouxe o outro lado da modernidade, não o progresso, a liberdade, a livre circulação das pessoas, mas a normatização, os micropoderes, a domesticação, o contrário, ou seja, aboliu-se a escravidão e colocaram-se *chips* nos pés de todo mundo. Aumentaram as formas de controle e de vigilância, que ficaram muito mais invisíveis, muito mais moleculares, mais sofisticadas e muito piores. Hoje mudou muita coisa. Penso que, para as mulheres, o grande fantasma é a prostituição, ainda é. Quando você dirige mal no trânsito e um homem vai te xingar, ele não fala “você dirige mal, barbeira”, ele fala “puta”. Quando uma pessoa quer xingar a gente, é puta! E puta, como eu falei pra vocês, está ligada a podre, putrefação, podridão. Então, a estigmatização é muito violenta. Pensem nesses rapazes de Brasília, de quem, de vez em quando, se tem notícias, que jogam gasolina numa mulher e põem fogo no corpo dela. Vocês viram essa história? Eles jogaram gasolina numa mulher e puseram fogo, e aí descobriram que ela não era puta, que era empregada doméstica, e aí eles ficaram em crise, arrependidos. Eu fiquei pensando nisso do seguinte modo: quando acontece isso, a pessoa está olhando para uma prostituta e está enxergando o que? Uma aranha? É o imaginário, ele está enxergando um inseto em que pode pisar e esmagar. Você olha para uma prostituta e vê uma mulher normal, sensualizada ou não, sei lá o que, mas ele certamente não está vendo uma mulher, ele está vendo um inseto, da mesma maneira que um homofóbico está olhando para um homossexual e não está enxergando uma pessoa, está enxergando outro inseto. Ora, isso está nessa cultura que a gente herdou que é horrorosa, que é nazista. Então nós temos que combater essas formas do pensamento, e aí a filosofia é radicalmente fundamental para poder entender, porque as pessoas agem em função do que elas pensam, não é o contrário, não é ideologia. Você se relaciona da maneira como você pensa e se você olha para a prostituta e enxerga uma aranha

venenosa e ameaçadora, você só pode querer matar porque ela vai te picar, vai te engolir, não é? É um monstro.

De onde vêm essas leituras? Como a cabeça da gente é pirada, não? Precisa pesquisar a cabeça. Para as mulheres, esse desconfinamento que o Foucault mostrou foi muito pior. Para os homens, o mundo público é masculino; a gente, para entrar no mundo público, teve que batalhar, enfrentar humilhações, desfazer estereótipos, criticar muitas crenças. Há diferenças geracionais, certamente. Vocês, na faixa dos vinte, têm uma experiência muito diferente da minha, na faixa dos 60, mas a gente teve que aprender a língua do masculino, teve que aprender a falar naquela língua para, depois, poder falar e ir construindo outra língua, outra linguagem, e é isso que está acontecendo. Em termos de história, começamos a abrir a história da vida privada, a história da família, a história do corpo, a história da sexualidade e da subjetividade. Não creio que os homens também sejam esse bloco monolítico. Obviamente que não. Há homens muito feministas e mulheres muito machistas. Mas a questão são as práticas, há as pessoas mais abertas para uma construção e as menos abertas. Acho que é por aí...

HUMANIDADES EM DIÁLOGO: Entrando nas questões destes diversos feminismos, existem teorias que propõem a multiplicação de identidades sexuais e de gêneros com o objetivo de acabar com uma oposição binária (masculino/feminino, heterossexual/homossexual). Só que, ao mesmo tempo, também existem movimentos (LGBT, e. g.) que pautam a própria atuação política reivindicando seus direitos em parâmetros identitários. Como explicar, ou ainda, como conciliar ambas as práticas?

MARGARETH RAGO: Tenho a sensação de que isso já foi um problema muito maior na década de 1990. Eu me lembro que, quando entrou a categoria do “gênero”, havia um debate, uma resistência muito grande a essa questão e, a meu ver, a categoria do gênero entrou como uma resposta que o feminismo encontrou para sair da filosofia do sujeito. O feminismo falava: — “a mulher, a mulher, a mulher”. De repente, a gente disse: — “não, não é *a mulher*, são *as mulheres*, porque tem mulher que oprime mulher”. Então não dá pra ficar achando que existe *a mulher*. Você destrói o homem universal e coloca a mulher universal no lugar? Foi essa a crítica, começou-se a perceber que a gente estava presa na filosofia do sujeito. Quando a categoria do *gênero* entrou, na década de 1990, ela se expandiu com uma rapidez impressionante, o que teve a ver com essa virada, com essa crise da filosofia do sujeito, com outra filosofia que rompia com o sujeito mostrando que este é produzido em práticas, que

é efeito de relações de poder, efeito de relações múltiplas. Esse deslocamento no feminismo teve como resposta trazer a questão do gênero. E aí foi um impasse porque se o feminismo defende as mulheres, que são uma identidade, como é que fica? Como é que o movimento gay vai fazer? O movimento gay está afirmando a homossexualidade, tanto que, depois, passou de homossexualidade para homoerotismo e aí sai novamente da filosofia do sujeito. Estes deslocamentos são interessantes. Uma das respostas que gostei de ouvir foi o uso da noção de identidades sexuais como *estratégia*, não como uma *essência* como era antes. Muito mais como uma estratégia, produzindo deslocamentos no sentido de que nós somos precários, contingentes, históricos. Você pode ser mulher numa época e de repente você vai ser trans, depois não sei o quê. Não tem tamanho do quadril definindo que você é mulher e nasceu para aquilo para sempre. Uma conquista impressionante foi essa crítica de que a identidade é uma prisão, porque pensa as pessoas a partir de uma racionalidade baseada em “quem nasce com a orelha em asa tende a ser anarquista, quem tem o nariz não sei quê tende a ser ladrão e a mulher que nasce com quadril grande tende a ser puta”. Imaginem essas pessoas com essas noções olhando para outras. Olhando e classificando, claro. Classificando o outro na multidão. Você não sabe quem é a pessoa com quem você vai se relacionar, por onde você classifica? Pela roupa, pelo tamanho do quadril, pelo tamanho da orelha, com as teorias do Dr. Lombroso. Eu estou dizendo Dr. Lombroso, mas me refiro à antropologia criminal, a toda a ciência médica e jurídica do século XIX que está relativamente forte ainda, que a gente herdou, mas que agora já está criticada.

Acho que as mudanças são muito grandes. Mesmo que as pessoas falem ainda em identidade, elas já não estão falando em identidade como o termo nasce no século XIX. A noção de identidade é do século XIX, ela nasce num contexto de identificação do indivíduo na massa. As sociedades anteriores eram pequenas, não havia multidões, não havia classe operária, greves operárias, não tinha vida urbana, o mundo era rural. Assim, é uma mudança absurda de um mundo rural, vamos dizer estamental, da “sociedade de corte” — em que o marquês se vestia com uma roupa, o duque com outra, o marceneiro com outra e havia regulamentos que impediam que um usasse a roupa do outro estamento — para um mundo em que todo mundo pode usar a calça Lee, jeans... Só que a minha calça Lee não é igual à sua jeans porque tem uma florzinha aqui que a sua não tem e o tecido da dele é muito superior ao da minha. O indivíduo vai se tornando importante nessa configuração do surgimento da multidão e junto vem a preocupação em como se identificar porque antes estava claro quem era marquês, quem era duque, e agora, se

todo mundo põe a calça jeans, Lee, como eu vou saber se ele vai me atacar ou me abraçar? A identidade nasce como categoria policial, a partir do método Bertillon, com a carteira de identidade, as impressões digitais, a fotografia, nasce com a polícia buscando identificar o indivíduo na massa. E, também, tem uma resposta do indivíduo que quer se diferenciar na multidão, que quer ser singular.

A categoria de identidade hoje foi implodida. Ela é usada de outra maneira muito mais flexível, temporária, estratégica, tática. Tanto que o que está chegando com força ao Brasil é o movimento transgênero, que busca a dissolução total destas categorias, a teoria *queer*, essa ideia de que – “Olha, chega, né? Nem homem nem mulher, tanto faz! Nem hétero nem homo, tanto faz!”. O que é ótimo também porque essas classificações só nos prejudicaram. Pode até ser que em alguma época tenham sido boas, mas faz muito tempo que só criam preconceitos, distâncias, *gaps*, falta de conexão entre as pessoas, portanto, que elas sejam dissolvidas por outras formas de pensamento. A gente tem que se conectar, o nosso mundo nos distancia e dispersa profundamente, embora crie massa, é tudo esquadrinhado. As relações estão muito enquadradas, muito engessadas e essas categorias engessam ainda mais. Que a gente brigue para dissolvê-las eu acho muito bom, porém, acho também que, na experiência prática, as coisas nem sempre acontecem como na teoria e, de repente, você vê grupos que deveriam estar propondo essa ruptura afirmarem-se como identidade. Aí fica complicado de entender. Logo vem um grupo de transgêneros criticando as feministas, porque as feministas são preconceituosas..., mas, e aí, e os evangélicos são o quê? Aí é formar um gueto que é o oposto da proposta da teoria de dissolver para você se abrir para o mundo, não é?

Os arquitetos têm discussões muito instigantes sobre os problemas da cidade, a gente vive em cidades que nos segregam, em um tipo de sociedade que segrega e confina, de modo que você convive 24 horas com pessoas iguais a você, no espelho. Qual a consequência disso? A consequência é que, quando um grupo não conhece o outro, a imaginação entra em ação, porque as pessoas conhecem os diferentes pelo cinema e pela literatura. Então, o cara vai olhar a prostituta e vai enxergar uma aranha venenosa, porque nunca conversou com este tipo de mulher, não sabe que ela compra pão, que ela precisa ir ao banco, que ela tem filho; não sabe quais são os seus problemas. Foucault mostrou isso, que essa “sociedade disciplinar” – e o Deleuze mostrou que essa “sociedade de controle” – não nos liga, não nos conecta, por isso que precisamos fazer rizoma, fazer redes, como diz Deleuze. Agora, se um grupo está falando que temos que abolir as identidades sexuais porque isso cria preconceitos, mas esse

grupo se afirma como identidade sexual na prática, com discurso contrário, e é preconceituoso com todo mundo... Quer dizer, se entra o feminismo negro e acha que as brancas não têm nada para falar para elas e que elas são exploradoras, dominadoras... Penso que é importante a crítica, mas é importante criar formas de ligação, pois nós estamos muito desconectados e a direita está se articulando muito mais rapidamente, como sempre.

HUMANIDADES EM DIÁLOGO: Em um texto seu, "Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos", você afirma que vivemos em um pós-feminismo, não pelo fato do feminismo ter acabado, mas por ele se deparar com novas problematizações. Pensando nesses avanços qualitativos que você mencionou ao longo da entrevista, quais seriam esses novos dilemas enfrentados por esse pós-feminismo em tempos pós-modernos?

MARGARETH RAGO: Eu estava pensando em um pós-feminismo, nesse momento, não no sentido de que é um tempo depois, de que o feminismo acabou, como algumas pessoas entenderam, mas que é um tempo em que a ficha cai e as feministas começam a pensar também sobre o que elas estão produzindo. Que transformações, que políticas da subjetividade, por exemplo, o feminismo está acionando? Como é que essa crítica está produzindo seus efeitos? São muitas as questões para os feminismos, no plural, muitas mesmo. Não é fácil construir novos mundos. Tomo o grupo DAR – Desentorpecendo a Razão – como exemplo. No dia em que fizemos um debate, uma das questões que eles levantaram foi a da punição, de um feminismo punitivo. Sem dúvida, é uma questão a ser pensada, sim. É claro que eu não quero que não aconteça nada com um cara que degola a mulher porque ela é mulher, não é? Mas também sei que não é a prisão que vai resolver a questão, não acho que estupros vão deixar de existir porque os homens vão ser presos. Nós sabemos que os homicídios não acabam porque as pessoas são presas, como os furtos não acabam porque as pessoas são presas. Como o feminismo pode enfrentar a violência de gênero? Isso é um problema que tem que ser pensado. A Lei Maria da Penha é uma conquista? É. Mas... e aí? Nós também sabemos com Foucault e com a nossa experiência que, mesmo que uma pessoa vá para a prisão, ela vai sair muito pior do que entrou. Não sou a favor da diminuição da maioridade penal, obviamente. Isso seria um desastre, é de uma irresponsabilidade absurda. A prisão não é solução. Agora, como é que a gente enfrenta a violência de gênero? Eu não sei. Nós precisamos ter outras formas de formação, de produção da subjetividade, de diálogo entre homens e mulheres, ter grupos de reflexão de homens, como tem de mulheres. As mulheres

avançaram muito sobre o conhecimento de seu corpo, sobre as teorias sobre seu corpo, fizeram a crítica do discurso médico, a crítica do direito, a crítica de todo esse universo... Os homens não fizeram isso, mas eles também passam por isso, porque o menino é educado para ser um machão. Seria muito importante que os homens tivessem grupos de reflexão sobre a própria subjetividade, como as mulheres. Porque as mulheres avançaram muito nessa de se conhecer, de conhecer a sua história. Então a questão da subjetividade para as mulheres é cotidiana. Qual foi a grande conquista dos feminismos? Deixar de ser a mulher que queriam que a gente fosse. Aí nós tivemos que inventar outras mulheres, outros modos de existir, de ser, outras formas de organizar o espaço e a própria vida. Não acho que isso se refira a todas as mulheres, claro, mas o feminismo produz rupturas. Por isso, a meu ver, pode-se diferenciar a arte feminina da arte feminista, porque a arte feminista é uma arte que faz crítica, que instaura rupturas. O feminismo produz rupturas. Ele não mantém o feminino instituído, ao contrário, ele é crítico desse feminino instituído e o define como sendo masculino. Masculino de uma era, de uma época, porque pode ser que, daqui a pouco, a gente fale de outro ou outros masculinos, outros modos de masculinidade. Isso é um problema para o feminismo. O feminismo tem que lidar com seus preconceitos e pensá-los. Eu circulo muito: uma hora estou com anarcofeministas, outra estou com feministas, outra hora com não sei quem... E tenho ficado impressionada com os preconceitos. A gente sabe que há "feministas" históricas, antigas, muito preconceituosas, por exemplo, com a prostituição. Há feministas que detestam as prostitutas, acham que elas são objeto sexual, que vendem o corpo. Há outras que não. Mas o feminismo nunca conseguiu lidar com a questão da prostituição e do erotismo. Não é só a prostituição, falar em prazer sexual é meio complicado também. Não é um tema que entra. Eu não vejo esse tema sendo colocado, e acho que é um tema a ser colocado, porque nós vivemos numa sociedade que culpabiliza o prazer. Essa noção de "usar os prazeres" virou um hedonismo absurdo, narcísico: faço o que quero, na hora que quero, no tempo que quero. Não é nada disso que estamos falando. É assim que as pessoas vivem o prazer, de uma maneira que o capitalismo promove, com todo esse consumismo, e há muitas críticas sobre isso. Há muita gente fazendo essas críticas do hedonismo contemporâneo, como o Michel Onfray e o Bauman, ou, no Brasil, o Francisco Ortega, o Jurandir Freire Costa. Somos educados segundo um código moral em que você deve renunciar aos prazeres, você não pode gostar do que você gosta, você não pode querer o que você quer. Aí você tem um desbloqueamento disso e cai numa coisa oposta. Eu posso querer qualquer coisa, porque eu sou mais eu

e... também não é isso, entendeu? Então, não tem o uso dos prazeres – para voltarmos ao livro do Foucault quando fala dos gregos, a temperança, que os gregos entendem que é a forma de ser cidadão. E o que é o homem temperante? É um homem equilibrado, que sabe usar o racional para comandar o seu instinto, sem negá-lo como o cristianismo, mas sem também virar essa coisa absurda dos nossos tempos. Então, o feminismo tem que pensar essas questões, afinal, que mulher nós queremos ser nesse mundo? Que mulher ou não mulher, de que subjetividades se trata? Como fica a questão da ética? Como fica a sua relação com o outro? Se você é feminista, você vai lá dizer para as prostitutas como elas devem viver? Mas quem sou eu para dizer para uma mulher de trinta, trinta e cinco anos, de cinquenta, se ela deve se relacionar sexualmente assim ou assado? Por dinheiro ou sem dinheiro? E por que a questão cai nas mulheres e não nos homens? A prostituição existe por causa dos homens, concorda? Em alguns lugares, a prostituição é crime, como nos Estados Unidos. No Brasil, a prostituição não é crime. Era crime o lenocínio, a exploração da prostituição, mas não a prostituta. Nos Estados Unidos e em alguns países também é. Bom, então o debate é centrado na prostituta, que já é a estigmatizada, que leva gasolina e fogo e morre porque o mundo é público. O mundo é dos homens. Mulher pública é puta, homem público é governante. Até pouco tempo era isso... Agora mudou, fazem vinte, trinta anos, mas quando eu era criança, adolescente, falar em mulher pública era chamar de puta, não era falar da Erundina ou da Marta Suplicy. É um descompasso absurdo. E acho que o feminismo tem que pensar nisso porque o feminismo não é poder pastoral. Nem o anarquismo, nem o socialismo. Quer dizer, a esquerda não vem para comandar o mundo e ditar a verdade sobre ele, dizer qual é a sua melhor maneira. Ontem, uma pessoa me chamou a atenção para outra coisa, ela falou que, além do mais, nesse raciocínio, existe a ideia de que elas estão falando de prostitutas pobres e de que pobre é irracional. É a ideologia do liberalismo. Locke dizia isso: quem ficou rico foi porque é inteligente, porque sabe, porque aproveitou o que Deus deu. Os que não subiram na vida têm de ser governados, sim. São pessoas que não conseguem se governar. Então, você vai olhar para as prostitutas e dizer que elas são objetos sexuais porque elas são bobas, porque elas são alienadas? É nesse sentido que eu estava pensando que o feminismo também não pode produzir “mulheres cordiais”. Por favor! “Coronela”! Já pensou ter no dicionário a palavra “coronela”? Não tem, só tem coronel. O que, é claro, é fruto de um mundo machista, porque, imagina, mulher coronel... Mas eu também não gostaria que as mulheres fossem coronelas, porque tudo que a gente não precisa é de mais exército, né? (risos). Agora, ter um exército de

mulheres? O feminismo não veio pra isso. Gosto muito do que diz a filósofa feminista Elizabeth Grosz. Ela diz que o feminismo veio para tornar mais fluidas as identidades, que veio para libertar as mulheres. Não para destruir os homens, mas para libertar as mulheres da “mulher”, dessa construção do século XIX que diz que a mulher nasceu para ficar em casa. É disso que a gente está falando, de poder ser, de poder existir de outra maneira. E isso certamente ressoou em outros grupos, inclusive nos homens, que também começaram a pensar: – “Bom, eu não preciso ser esse imbecil que está aqui na minha frente, né? Quer dizer, isso não é um destino só porque eu tenho essa configuração corporal”. Tudo isso é muito libertador! Essa ideia de que você pode trabalhar sua subjetividade, transformar-se, ser outro do que você é. Nas nossas origens, os gregos pensavam: você tem que ter o cuidado de si, você tem que se esculpir, você tem que se produzir da melhor maneira possível, e isso supõe ética, é um trabalho ético... É maravilhoso! É uma enorme liberdade. É uma esperança. Acho que essa ideia das *heterotopias* – isto é, de outros espaços, espaços diferentes – de Foucault é maravilhosa. Você não fique só lá com as utopias, olhando para “um dia”, “quem sabe”, “pode ser”, mas pense aqui em outros espaços, físicos, geográficos e inclusive subjetivos. Isso é muito bonito, é muito lindo! Outras formas de amizade! Acho que o feminismo tem feito isso. Mas, no caso do Brasil, precisa ser um pouco mais reforçado, ou melhor, teorizado. A nossa noção de amizade, essa discussão sobre amizade também é maravilhosa, pois se você acha que amigos são apenas três... Quando você não está namorando ou quando você se separou você tem amigos, quando você está namorando ou está casado você não tem amigo porque você não precisa... Quer dizer, você tem três amigos e o resto é o que? Inimigo? Como você vai construir a esfera pública dessa maneira? Essa noção de amizade cristã, que vem do modelo familiar, do privado, não pode ser transposta para o público. Jacques Derrida explicou isso no seu livro *Poéticas da amizade*. Maravilhoso, fantástico! Nós precisamos de outro tipo de amizade, de pessoas que sejam amigas no sentido de que ajudar o outro a crescer. Quem é amigo? Quem te liberta, quem te ajuda a crescer. Eu acho Foucault um grande amigo porque ele ajuda a gente a se entender, ele me ajudou a me entender. Eu o acho um grande amigo. Outro dia me perguntaram: – “Por que você gosta tanto do Foucault?”. Eu falei: – “Eu acho que é ele quem gosta de mim” (risos). Acho que ele gosta mais de mim do que eu dele; eu gosto dele por gratidão porque ele me fez muitos benefícios. Mas ele me fez tantos benefícios por quê? Não foi por gratidão, né? Por que ele se dedicou a resolver tantas questões? É um amor pela humanidade. Então é um amor por mim também (risos). É diferente, porque o nosso amor é um amor

de gratidão. Assim, quando uma pessoa te liberta, te indica um caminho, te ajuda a crescer, te ajuda a se encontrar, você se apaixona por essa pessoa. É uma pessoa que te faz bem, é seu amigo/a. É outra relação de amizade que a gente tem que construir. E o feminismo tem que construir, e tem construído. Na história da filosofia, as mulheres são consideradas incapazes de amizade, de Aristóteles a Montaigne a nossos dias, até recentemente. A historiadora Marilda Ionta escreveu um belo livro sobre esse tema, que foi sua tese de doutoramento, chamado *As cores da amizade: cartas de Anitta Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade*. Esses filósofos entendem que as mulheres são volúveis, elas mudam de opinião facilmente e elas giram em torno de um homem. As mulheres estão sempre disputando o homem, o amor do pai, o amor do namorado, o olhar do irmão, elas estão sempre girando em torno de um homem e se disputam e se odeiam. O feminismo trouxe outra ideia, de que as mulheres podem sim ser amigas, que as mulheres se ajudam e as feministas se ajudam e ajudam as outras, essa é a proposta. Acho que daí se expandiu, a ideia não é só que as mulheres se ajudem, mas, sim, que ajudem todo mundo. O feminismo traz outra noção de amizade, portanto. Só que uma coisa é falar teoricamente, outra coisa é a experiência dos grupos e acredito que a gente tem que conversar mais, porque está acontecendo também certa atomização. Há muitos grupos pequenos, aqui e ali, e tem uma certa disputa geracional.

HUMANIDADES EM DIÁLOGO: Você diz com as feministas mais antigas ou com as feministas mais novas?

MARGARETH RAGO: Tem uma turminha bem jovem, que impressiona porque é muito jovem, muito inteligente, mas também muito arrogante. Feministas anarquistas, alunas de esquerda... um tipo de comportamento repetitivo. Um pouco de arrogância, tipo: – “Eu sei tudo, você não sabe nada, a sua experiência não serve pra mim e o feminismo começa comigo”. – “Nós temos que abolir a prostituição”. Pergunto: – “Como? Santo Agostinho também queria abolir a prostituição lá atrás e concluiu que era um ‘mal necessário’”. A Igreja passou a vida inteira querendo abolir a prostituição e chegou à conclusão de que tinha que salvar de outra maneira. Você vai abolir como? Me explica”. A Suécia criminaliza os homens, como eu falei, os homens clientes é que vão presos. A professora foucaltiana canadense Chloë Taylor fez um artigo criticando a culpabilização dos clientes, como ocorre na Suécia. Por que só as mulheres são culpadas, apenas as prostitutas? Tem que culpabilizar os clientes, disseram os suecos. E Chloë pergunta: – “É, e aí criamos um novo

perverso sexual”, como diz Foucault. Logo mais nós estaremos dizendo qual o tamanho do nariz dele, que tipo de quadril... O século XIX criou os “anormais” e disse que isso estava incrustado nos ossos. O nazismo mandava matar porque o mal estava nos ossos, não vai mudar, se é osso... Esse essencialismo é barra! Criar perversos sexuais é perigoso, não é uma saída. E a questão que a promotora colocava ontem eu nunca tinha visto. Eu não conheço muitas promotoras também, mas uma promotora feminista faz muita diferença, porque na área do direito a coisa é brava, não é? E ela falava assim: – “Mas se as pessoas querem se relacionar, se um homem quer ir na zona transar, qual o problema?”. Qual o problema? O problema é a exploração de criança, o tráfico. Achei tão interessante, uma promotora famosa e que tem posições bastante avançadas, gostei de ver. As feministas fazem a diferença, nas diferentes áreas em que atuam.

HUMANIDADES EM DIÁLOGO: Você nos falou no começo da entrevista sobre o termo “puta” e a carga pesada que vem na palavra. Algumas feministas utilizam palavras como “vadia” ou “puta” num sentido de resignificar essas palavras. O que é que você acha dessa estratégia de militância?

MARGARETH RAGO: Vocês estão falando da Marcha das Vadias? Eu acho o máximo! Uma moça me perguntou, naquele dia na reunião, se isso não era uma afirmação de identidade. Eu respondi: – “Não, ao contrário, é uma dissolução da identidade”. Você entra na Marcha das Vadias, eu entro na Marcha das Vadias, mas você não é vadia e eu não sou vadia. E nós estamos nos chamando de vadias. O que você está fazendo? Você está dissolvendo a identidade. E adorei porque vadia é sinônimo de puta, não é? Um pouquinho mais, você chama de puta. Você está chamando a pessoa de vadia, que não faz nada, não é mãe, não é trabalhadora, entendeu? Eu adorei. É um pouco sinônimo da *degenerada nata*, categoria que o Cesare Lombroso criou pra definir as prostitutas. Acho o máximo que sejam mulheres que não têm nada de vadias, e que vão lá e dizem: – “Eu sou vadia”. É muito bom porque destrói radicalmente, dissolve a identidade e mostra os preconceitos porque tudo que uma mulher não quer é ser chamada de vadia. Adorei, palmas para as vadias! (risos). Muito bom, muito bom!

HUMANIDADES EM DIÁLOGO: Então, professora, você podia também contar um pouco para a gente sobre a sua militância feminista? Como você acha que a sua atividade acadêmica, a sua pesquisa sobre feminismo e a sua militância se influenciam?

MARGARETH RAGO: Olha, para ser bem franca com você, eu não faço essa separação. Na minha cabeça, eu estou sempre militando. Também porque eu tenho espaço, né? O fato de trabalhar numa universidade, de lidar com jovens em uma universidade pública, de certa maneira, me ajudou a conquistar esses espaços e a vida me favoreceu também. Não sei como seria se eu desse aulas numa faculdade privada, onde o dono me mandaria embora se eu falasse de certos temas. Eu não sofri esse tipo de censura em uma universidade como a UNICAMP. A Fapesp não me negou bolsas, e fui parar na Columbia University, em Nova Iorque! A conversa que tenho com uma menina anarquista num grupo anarquista não é muito diferente das conversas que tenho com os meus alunos e alunas.

Houve diferentes momentos na minha vida também de envolvimento militante. Tive um envolvimento muito grande com o anarquismo, e o pessoal que hoje é o grupo do Nu-Sol – Núcleo da Sociabilidade Libertária da PUC-SP. Na época, nos anos 1990, não existia Nu-Sol, mas o Edson Passeti estava lá, a Salete, o Acácio... Foi o tempo em que a gente teve um coletivo chamado Libertárias. E a gente fez uma revista muito bonita para jovens, a gente fez seis ou sete números no final dos anos 1990. Foi muito bom, muito enriquecedor. Muitos dos temas que a gente estava discutindo para revista ou escrevendo, eu também estava produzindo no meu trabalho, nos meus livros, nas aulas, na pesquisa que faço. A pesquisa que faço atualmente é sobre "a subjetividade no feminismo". Estou falando disto que eu estou tratando aqui também. Por isso não vejo muita separação. Ao mesmo tempo, acho legal ter um pé em algum grupo. Sou ligada à União de Mulheres de São Paulo desde 2009, quando comecei a fazer essa pesquisa que resultou nesse livro *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*, sobre as mulheres feministas. Escolhi sete feministas de áreas diferentes: a Ivone Gebara, teóloga feminista, a Gabriele Leite que era líder das prostitutas, a Norma Teles, historiadora e antropóloga feminista, professora da PUC-SP por 30 anos, a Tânia Swain que é historiadora feminista da UnB e editora da bela revista feminista online *Labrys, estudos feministas*, a Amelinha Teles e a Criméia de Almeida, ex-presas políticas e a Maria Lígia Quartim, ex-exilada política, socióloga e professora da UNICAMP. Mas, de repente, me dei conta de que eram todas da mesma geração. Eu não pensei em um grupo geracional inicialmente, pensava: – "Quem são as mulheres que eu acho fascinantes?. De quem eu gosto e admiro? Eu vou fazer um trabalho sobre pessoas que acho o máximo e então vou falar delas porque a gente só fala da história do Brasil contemporâneo no masculino". Você vai estudar ditadura, só fala de homem, você vai estudar transição democrática,

só fala de homem. Ou tem alguns livros que fazem a história do feminismo. Ai só fala de mulheres, entendeu? Então eu queria entrar nesse meio de campo e trazer a história do Brasil contemporâneo que eu vivi, e que eu conheço. Eu vivi, eu sou da mesma geração, mas, ao mesmo tempo em que é muito autobiográfico, não é a minha autobiografia. É delas. Então pedi que contassem suas histórias para ver como elas liam o passado e se posicionavam no presente. Fiz esse livro e aí comecei a frequentar a União de Mulheres e trabalhar lá. Organizar palestras, chamar orientandas para levar as pesquisas lá para elas conhecerem. Foi um cruzamento muito gostoso. Acho que é fácil conciliar no plano teórico-político. O difícil pra mim é a coisa prática mesmo, de estar com um pé aqui, um pé ali, aí ter viagem pra cá, viagem pra lá.

HUMANIDADES EM DIÁLOGO: Uma das coisas que valorizamos muito no PET é a extensão universitária. Isso porque, teoricamente, nosso trabalho é baseado no ensino, pesquisa e extensão e a gente faz uma crítica bem forte a algumas formas de extensão que a universidade faz e busca. Pensando hoje nas crises que a gente está vivendo, que vão além da econômica, e pensando, por outro lado, que avançamos nos debates de gênero aqui dentro ao mesmo tempo em que vemos em alguns cursos conservadores, ainda, atitudes de reprodução de machismo, casos que a gente cansa de saber, queríamos perguntar quais potencialidades você visualiza na extensão universitária nesse contexto. Como podemos ajudar esses debates a alcançarem a sociedade, tirar um pouco essa discussão de gênero daqui e levar para fora? Você fala que sua militância e sua prática intelectual estão mescladas, mas muitas vezes aqui na universidade temos uma dificuldade muito grande de fazer isso.

MARGARETH RAGO: Fico pensando, às vezes, como seria interessante – vejo isso um pouco na UNICAMP com meus colegas – chegar aos colégios. Isso é uma coisa que gostaria de fazer. Participo de uma editora chamada Intermeios, que fica na Pompeia, e temos uma coleção lá chamada “Entre-gêneros”, e nós publicamos sete livros até o momento que falam sobre gênero. Então, uma ideia que eu gostaria de pôr em prática é produzir uma série de livrinhos pequenos, baratinhos, básicos – mas básicos sofisticados – que discutam vários temas desde gênero, a filosofia da diferença, os temas feministas, políticas da subjetividade, essas coisas. Acho que deveríamos fazer uma coleção com livros pequenos e baratos – de fácil acesso sobre esses temas complicados. Essas discussões que temos levado não chegam aos

colégios, demoram muito para chegar. Vai demorar quantos anos para o livro didático incorporar? Embora haja excelentes livros didáticos. Outro dia peguei o livro do meu colega Jose Alves de Freitas Neto e fiquei impressionada, encontrei o livro didático de Filosofia do Silvio Gallo sobre a filosofia da diferença e fiquei boba de ver. Mas acho que tinha que ter mais. Seria muito interessante se você chegasse aos colégios para fazer palestras, seminários, ou se você chegasse em grupos anarquistas, feministas, ONGs, associações, sei lá. Minha filha participa de um grupo que trabalha com a questão da água, dos rios da cidade, então eles vão à periferia falar sobre os rios da cidade e os daquela região, que é uma coisa muito legal. Ela é arquiteta e fotógrafa, e o grupo tem arquitetos, geógrafos, entre outros. Isso é maravilhoso, e estou vendo crescer muito. Na UNICAMP, existe um trabalho que se chama "Olimpíadas da História", que é muito legal. As pessoas adoram, elas vão lá, se você vai dar uma aula e elas te abraçam, agradecem, você leva um susto! Você vai dar aula para o aluno no cotidiano, com aquela aula que você preparou muito, e ele chega atrasado, olha pra sua cara assim, levanta e sai no meio... É brochante. Aí vêm aquelas pessoas que agradecem porque elas não têm o menor acesso, isso é muito gratificante para a gente, gosto muito desse contato. Primeiro foi por causa do anarquismo, toda hora eu fazia e organizava palestras, iam grupos debater lá no Brás, onde fica o Centro de Cultura Social, depois compramos um espaço à rua General Jardim, no centro da cidade. Por vários anos, a gente também ficou fazendo palestras, houve uma época que a gente tinha uma casa, o Ical – Instituto de Cultura e Ação Libertária, perto do metrô Vila Madalena, também foi uma experiência muito legal, um período muito bom. Era impressionante, era sábado à noite e havia 100 jovens querendo palestras. Como assim? Porque não vão dançar? Na verdade, depois dançavam, depois tinha festa. Acho que essa relação é muito gostosa. Fiquei pensando que se eu ganhasse na loteria iria criar um centro cultural, eu gostaria de ter um instituto cultural, não meu, de um coletivo. Tenho bastantes atividades com grupos coletivos, mas meio que informais. A gente não institucionalizou, mas eu acho que a formalização pode ser boa, ela pode ajudar a estruturar melhor. Sou a favor de conexões, né? Fazer rixoma. Eu acho que o mundo precisa disso.

Na verdade, nunca saí da escola e da universidade! Colégio Estadual Presidente Roosevelt, USP, UNICAMP, Columbia..., mas, na escola, conheci novas ideias, a crítica do nosso mundo, outros modos de pensar, encontrei pessoas encantadoras, brilhantes, criativas e fiz contatos que me levaram para muitos estados e países. Além de me conectar com muitas pessoas no

Brasil e no exterior, Foucault já me levou até à Suécia; fui a um Colóquio Internacional Foucault na cidade de Malmo, em 2014, e lá participei de uma mesa sobre feminismos e conheci várias feministas foucaultianas brilhantes, como Margaret McLaren, Chloë Taylor, Dianna Taylor, Jana Sewicki. Ou seja, a escola – e obviamente estou pensando também na universidade – abre a imaginação, expande seu universo, o que é absolutamente necessário para inventar outros modos de existência; aliás, foi aí também que li esse lindo alerta do meu filósofo querido, com a qual encerro: “Nas civilizações sem barcos, os sonhos desaparecem; a espionagem substitui a aventura e a polícia substitui os corsários”.

